



A segunda testemunha nesse inquérito foi José Petronilo de Lima. Tinha 36 anos de idade, era casado, operário e residente em São Miguel dos Campos. Assim como a outra testemunha ouvida, dizia desconhecer as atividades comunistas do acusado, pois o conhecia como o vendedor ambulante de miçangas. Afirmou que só ficara sabendo de suas atividades quando Laurindo foi preso em Coruripe. Foi-lhe perguntado como o acusado conseguia se manter oculto diante da comunidade. A testemunha acrescenta que, se as atividades do acusado fossem realizadas na cidade, eram feitas num horário desconhecido, para evitar que ele fosse pego. O próprio depoente afirmou que, se presenciasse o Sr. Laurindo a realizar esse tipo de atividade, teria feito a denúncia.

As falas das duas testemunhas ouvidas não confirmavam a participação efetiva do indivíduo nos grupos comunistas, mas o próprio acusado assumia sua participação entre os comunistas. Restava agora a avaliação final para saber se José Laurindo era realmente "digno" de usar a camisa verde e se realmente desejava redimir-se de todas as suas atividades subversivas cometidas no passado. Foi-lhe concedido um período de estágio probatório de um mês, em que o ex-militante vermelho teria de provar que estava pronto para se tornar um integralista.

Era chegada uma das horas decisivas do inquérito: era o momento da decisão de uma

das chefias sobre o ingresso ou não do Senhor Laurindo. Isso competia ao chefe municipal do núcleo de São Luís do Quitunde, José Medeiros Aprato. Este levava em conta os depoimentos das testemunhas e do acusado, e fazia uma avaliação do comportamento do sujeito durante o período de estágio probatório. Esse foi o "calcanhar de Aquiles" do candidato, pois, segundo o parecer do chefe, o investigado não correspondia ao perfil de um integralista. A falta de compromisso com as obrigações do movimento, a postura indisciplinada dentro e fora do núcleo, a irresponsabilidade com a família, tudo isso e mais alguns adendos fizeram com que Aprato considerasse o ex-militante vermelho indigno de se tornar um integralista.

Toda essa resistência e combate ao comunismo não passava despercebida aos olhos dos seguidores de Moscou. Contra a ação do Governo e dos integralistas, os comunistas brasileiros já preparavam uma reação. Não era possível manter-se passivo com tudo o que estava acontecendo. Era hora de agir para não se tornarem "presas" tão fáceis de ser capturadas.

As forças opositoras eram a polícia, o governo varguista e as forças imperialistas do capitalismo liberal, que passavam a atuar com um serviço de espionagem bem mais sofisticado, diferenciando-se das atuações truculentas da polícia da República Velha. O objetivo agora não era capturar apenas um indivíduo, mas sim investigar um suspeito

por um, dois ou até três meses para, assim, por meio daquele indivíduo, capturar uma organização inteira. Era nesse momento que entrava a atuação dos integralistas, pois muitos deles eram contratados para os serviços auxiliares da polícia, atuando no serviço de investigação de um suspeito e como informantes das forças militares.

A carta comunista distribuída entre as células do partido apresentava sete pontos que pretendiam prevenir seus partidários dos atos de perseguição dos seus opositores. As medidas tomadas deveriam ser transmitidas pelos secretários aos correligionários. Foi esta a determinação: "Todos aqueles camaradas que moram em casas conhecidas da polícia devem fazer a mudança, pois, mesmo que nunca tenham sido presos, isso não lhes garante segurança". Essa mudança deve ser realizada com extremos cuidados, "sem deixar rastros, transportando primeiro a uma estação de bondes, despachando para outra e, ao chegar ao destino, deve sair em carro diferente, ou então levar a mudança primeiro para a casa de um conhecido e, de lá, mudando em outro carro e dentro de poucas horas" (CARTA DISTRIBUÍDA ÀS CÉLULAS COMUNISTAS, sem data, p. 1). Essa era uma forma de despistar as investigações da polícia.

Num segundo ponto, a carta esclarecia os caminhos que deveriam percorrer os companheiros comunistas: as ruas nunca deveriam ser

repetidas; não se deveria cumprimentar nem falar com amigos partidários na rua, pois um dos dois poderia estar sendo seguido; as esquinas mortas deveriam ser ponto de encontro para, no máximo, dois camaradas; usar a casa de simpatizantes ou amigos para conversar com os correligionários e transmitir informações da diretoria.

No terceiro item, era feita a ressalva de que, com a participação dos integralistas nos serviços de espionagem, devia-se ter mais cautela. "Agora que os espões da polícia são muito mais numerosos porque aumentados por todos os integralistas, temos que tomar cuidado de não falarmos em locais públicos, trens, bares, ônibus, cafés etc." (CARTA DISTRIBUÍDA ÀS CÉLULAS COMUNISTAS, sem data, p. 1). É que uma ação impensada daria pistas que levariam a polícia até os comunistas.

O quarto item apontava justamente para a questão das medidas que tinham de ser tomadas para não serem surpreendidos pelos inimigos. Assim, os pontos centrais das cidades deveriam ser evitados pelos companheiros conhecidos da polícia, que deveriam evitar passar a pé por esses locais. Caso isso não fosse possível, a diretoria do Partido dava outra opção: "sempre que possível, ficar dentro de conduções onde viajam muitos outros passageiros e passar por esses lugares lendo jornal, de cabeça baixa, sempre o mais discretamente possível, portando-se como

todo mundo, e não gesticular, não falar alto" (CARTA DISTRIBUÍDA ÀS CÉLULAS COMUNISTAS, sem data, p. 2).

O quinto item da carta alertava para que os militantes comunistas observassem se estavam sendo perseguidos. Para isso, deveriam deixar cair o jornal, parar em uma vitrine de loja, olhar uma mulher bonita, entrar em uma loja para comprar fósforo, dobrar a esquina sempre que chegassem perto de um local, para constatar se estão sendo seguidos. Tudo isso deveria ser feito sem alarde, para não chamar atenção de outras pessoas. O sexto item aconselhava os partidários vermelhos a não manter em casa nenhum tipo de material do partido, e a evitar ser pego com qualquer tipo de propaganda do partido. Era preciso distribuir todos os boletins e panfletos assim que os recebessem.

O sétimo item adverte as células comunistas sobre os horários das reuniões que não deveriam durar mais do que até 22h, reuniões com um número limitado de membros e com durações de no máximo 2 horas. Assim, o temor da vigilância fazia os inimigos do integralismo ficarem mais atentos e cometerem menos erros, pois sabiam que aqueles eram tempos em que não se podia confiar no vizinho. Essa situação reforçou a importância dos camisas-verdes nesse sistema de espionagem, já que, quanto mais inimigos os vermelhos encontrassem pela frente, melhor para as forças do Estado.



Rodrigues

A opinião dos autores pode não coincidir no todo ou em parte com a de Campus.